Editorial do 1º volume em formato digital da revista DOR

First digital volume editorial of the journal “DOR”

Armando Almeida*

Editor-chefe

A todos os leitores assíduos e novos interessados nos conteúdos da revista DOR, bem-hajam!

Como diz a Presidente da APED, Dra. Ana Pedro, “é tempo de mudar”... e eu acrescento, “é tempo de melhorar”. Foi com esse objetivo que aceitei a incumbência de liderar a revista DOR como editor-chefe neste período de transição já para a nova revista. E esta traz muitas novidades que já se tornavam apetecíveis para uma revista que quer entrar pujante na segunda década deste século XXI.

De facto, as novidades são muitas! A começar pelo facto de a DOR passar a ser agora completamente digital e de acesso livre, com a submissão *online* dos artigos numa plataforma desenvolvida para *upload* de conteúdos pela parte dos autores, com receção e gestão dos manuscritos. Assim, os investigadores portugueses e internacionais que queiram publicar na DOR poderão consultar as regras de submissão e enviar os artigos para revisão num processo gerido automaticamente. Contudo, tal ainda não aconteceu neste período de transição e por isso não foi publicado nenhum volume da revista em 2019. Por este motivo, os artigos submetidos e aceites para publicação em 2019 serão agora quase todos publicados num primeiro volume digital, mas onde a submissão e o processo de revisão foram ainda realizados por *email* e centrado na pessoa do editor-chefe.

Os artigos vão poder ser submetidos em português ou em inglês, sendo que os artigos em português terão de ser acompanhados por um sumário em inglês. O objetivo é permitir o registo da DOR em todos os principais índices de indexação mundial, como Scielo, Excerpta Medica, Medline, entre outras. Este processo, que pode

demorar até dois a três anos, tornará mais atraente a publicação na revista DOR, tendo em conta o potencial índice de impacto que pode vir a ser atingido pela revista e que reforçará a valorização de cada artigo publicado.

A revista DOR passa também a ter um corpo editorial composto por colegas das ciências básicas e clínicas, todos eles doutorados na área científica da investigação em Dor e com publicações relevantes nas melhores revistas internacionais da área da Dor e da medicina da Dor. É para mim um prazer partilhar o corpo editorial da revista com os professores Célia Cruz (Universidade do Porto), Dalila Veiga (Centro Hospitalar do Porto), Hugo Leite-Almeida (Universidade do Minho), Luís Azevedo (Universidade do Porto) e Patrícia R. Pinto (Universidade do Minho). Cada artigo submetido na plataforma *online* da DOR será revisto pelo editor-chefe e por um dos membros do corpo editorial e, se necessário, outro revisor poderá ser convidado a integrar a equipa de revisão de cada artigo. Esperamos receber excelentes artigos já que a vontade de (re)lançar a revista é muito grande! Cá esperamos pelas vossas contribuições.

Os investigadores poderão submeter uma grande diversidade de tipos de trabalhos para publicação, nomeadamente artigos originais, artigos de revisão, cartas científicas (*short communications*, artigos de pesquisa clínica com um pequeno grupo de pacientes ou resultados preliminares de pesquisa básica), cartas ao editor, casos clínicos e artigos de opinião.

Aproveito esta oportunidade para também reforçar o agradecimento já dado pela Presidente da APED ao excelente trabalho desenvolvido pelo corpo editorial anterior da revista, chefiado pela Dra. Sílvia Vaz Serra, com

Correspondência:

Armando Almeida
E-mail: aalmeida@med.uminho.pt

Data de receção: 02-11-2020

Data de aceitação: 12-11-2020

DOI: 10.24875/DOR.M20000009

Disponível online: 11-12-2020

DOR. 2020;27(1):2-3

www.dor.pt

0872-4814/© 2020 Associação Portuguesa para o Estudo da Dor. Postado por Permanyer. Este é um artigo *open access* sob a licença CC BY-NC-ND (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

quem privo profissionalmente, e com muita amizade, já há muitos anos. Não será fácil igualar a sua dedicação e persistência (eu que o diga, eu que o diga...) na construção de cada volume da revista DOR e o entusiasmo com que nos “exigia” quase continuamente contribuições com qualidade para a revista, com trabalhos clínicos originais e de revisão, mas não esquecendo também os trabalhos na área básica dos mecanismos de Dor.

Se nos debruçarmos sobre os cinco artigos que são agora publicados neste primeiro volume digital da revista DOR, começamos com um *position paper* realizado pela APED, de Graça Mesquita e colaboradores, sobre várias recomendações dirigidas aos profissionais de saúde acerca da utilização de canabinoides em Dor Crónica. A utilização destes compostos para fins medicinais foi aprovada em Portugal em 2018 e tornava-se premente o agregar das melhores recomendações clínicas para o uso mais eficaz e correto destes produtos. Além de uma breve revisão da farmacologia do sistema endocanabinoide e da terminologia e conceitos associados, é analisada a evidência científica destes compostos na gestão da Dor nos pacientes com Dor crónica. Estes parecem poder ser considerados terapêutica de terceira linha na Dor neuropática crónica, mas tal não é evidente para o caso da Dor crónica de causa oncológica, e também para a de causa não oncológica e não neuropática. Os efeitos adversos e as contraindicações destes fármacos são também devidamente avaliados, assim como é revista a legislação portuguesa para a utilização de medicamentos, preparações e substâncias à base da planta da canábida, para fins medicinais. Finalmente, são abordadas as recomendações da APED sobre diferentes aspetos do modo de utilização dos canabinoides.

O segundo artigo deste volume, de Beatriz Braga e Nuno Almeida, aborda o uso de opioides no tratamento da Dor crónica não oncológica na população idosa frágil. É feita uma revisão bibliográfica sobre este tema com o objetivo de reunir informação relevante que possa auxiliar na prática clínica. Os autores começam por fazer uma abordagem às alterações fisiológicas e seus efeitos ao longo do processo de envelhecimento, seguida de um resumo da escala de Dor e do uso clínico de opioides prescritos à população idosa, além dos ajustamentos de dose necessários nesta franja da população. O modo de titulação dos fármacos mais usados, as suas principais interações medicamentosas e tolerabilidade são temas também abordados. O trabalho termina com as conclusões desta revisão, onde são referidas sugestões da administração de opioides aos idosos.

O terceiro artigo, de Ana Ferreira e colaboradoras, é uma revisão exaustiva da participação de diferentes

neurotrofinas na Dor a nível visceral, com incidência principal naquelas mais estudadas, o fator de crescimento neuronal (NGF) e o fator neurotrófico derivado do cérebro (BDNF). São revistos os estudos que abordam a sobre-expressão ou o bloqueio da atividade do NGF e o impacto respetivo no funcionamento fisiológico da bexiga no animal de experiência, local que apresenta elevados níveis de NGF. São abordados ainda os estudos com modelos transgênicos, e a presença de NGF noutras vísceras como o cólon e o sistema reprodutor. Finalmente, são avaliadas as possibilidades da presença de NGF poder ser usada como alvo terapêutico, nomeadamente através da utilização de anticorpos monoclonais. A mesma linha de sequência da revisão sobre o NGF é utilizada também, sempre que possível, para avaliar o impacto fisiológico do BDNF também na bexiga, no cólon e no sistema reprodutor. De seguida, os autores reveem os recetores do NGF e do BDNF como alvos funcionais das duas neurotrofinas, nomeadamente as cascatas intracelulares que poderão estar implicadas nos sintomas de hiperatividade da bexiga e Dor visceral. Os recetores analisados são o TrkA e TrkB e também o recetor p75, de menor afinidade. A revisão termina com considerações sobre o uso do NGF e do BDNF como biomarcadores de disfunção urinária.

O artigo seguinte, de Miguel Reis e Silva, faz um ponto da situação do estado da arte no tratamento da osteoartrose da anca e joelho. São revisitados vários conceitos sobre a patogénese da osteoartrose, o seu diagnóstico, a epidemiologia e os custos associados a esta patologia. Os tratamentos não farmacológico e não invasivo, farmacológico, imunológico, minimamente invasivo e cirúrgico e, ainda, a escada do plano terapêutico integrado são abordados e discutidos.

Finalmente, o último artigo deste primeiro volume da revista DOR em formato digital, aborda a evolução da utilização do mundo das plantas na medicina, num apanhado histórico muito elaborado da autoria de José J. Figueiredo Lima. Desde a inserção das plantas na história da humanidade, passando pelo século XIX e a química orgânica, até um apanhado sumário dos fármacos derivados de plantas, a leitura do artigo terminará com uma reflexão sobre plantas medicinais na serra da Arrábida, como exemplo de um estudo sobre uma determinada região de Portugal.

Termino agradecendo o convite da Dra. Ana Pedro e da direção da APED, que muito me honra, para liderar o projeto digital da revista DOR, que espero que tenha a colaboração de todos para obtermos o sucesso que todos os profissionais ligados à Dor desejam e merecem.

Braga, 11 de novembro de 2020